

**A REIVINDICAÇÃO DA INTELLECTUALIDADE: CONSTRUÇÃO DE SI E
DISTINÇÃO SOCIAL EM J. MIGUEL DE MATOS**

Gislane Cristiane Machado Tôres
Professora IFPI / Doutoranda em História UFG
gislanetorres@yahoo.com.br

Resumo: O texto reflete sobre a atividade escriturística do literato piauiense José Miguel de Matos (1923-2000) observando, de maneira especial, as estratégias e/ou táticas utilizadas em sua construção como intelectual. O ingresso no Exército, ao tempo que possibilitou a este sujeito a superação de uma infância e adolescência marcadas pela pobreza material, forçou o abandono do ensino formal. Ao investir no autodidatismo, J. Miguel de Matos conciliou a atividade militar com a produção de textos literários, antologias poéticas e perfis biográficos que foram publicados em livros ou divulgados na imprensa do Piauí e Ceará. À medida que sua escrita encontra eco entre seus contemporâneos, J. Miguel de Matos reivindica (e conquista, não sem disputas) seu acesso a espaços reservados à intelectualidade piauiense tais como a Instituto Histórico e Geográfico do Piauí e Academia Piauiense de Letras. A partir de seus textos e de sua trajetória, delineamos os vários perfis de intelectualidade existentes no Piauí evidenciando seus processos de formação, as possibilidades e os limites de suas atuações, bem como as redes de sociabilidades forjadas entre eles no sentido de construir imagens distintas de si em meio ao analfabetismo reinante no Estado.

Palavras-chave: intelectuais, construção de si, distinção.

As particularidades do cenário educacional, editorial e profissional do Brasil atravessam as tentativas de definição do que seria um intelectual. Letrados, professores, escritores e agentes culturais compõem a diapasão daquilo que pode ser considerado um intelectual, sejam eles eruditos, produtores e divulgadores de ideias ou aqueles indivíduos capazes de intervir no debate público. Considerando a realidade brasileira, profundamente elitista, conservadora e desigual, marcada até os anos finais do século XX por altos índices de analfabetismo, pelas dificuldades para acesso à educação superior, pelo limitado espaço de atuação de letrados nos setores políticos e pela quase inexistência de um mercado editorial, a construção e legitimação da figura do intelectual assume caráter polissêmico.

O presente texto procura discutir as variadas concepções de intelectual que permeiam a sociedade piauiense, sobretudo entre os anos 1940 e 1980 a partir da trajetória do escritor José Miguel de Matos. Os (des)caminhos de sua trajetória educacional, sua

inserção no cenário cultural e sua admissão em instituições historicamente consagradas a intelectualidade local, nos permite acessar os valores e práticas de seus contemporâneos e daqueles que ora reconhecem ora questionam sua identidade como literato e intelectual.

Filho de família numerosa e empobrecida, J. Miguel de Matos nasceu em Floriano, cidade ao sul de Piauí no ano de 1923. Em busca de sobrevivência financeira, sua família migrou para a capital em 1929, somando-se aos muitos migrantes que habitavam as periferias e sobreviviam por meio de trabalhos informais tais como costureiras, lavadeiras, vendedores, pescadores e ajudantes em serviços diversos. Numa prática comum a crianças e adolescentes de sua época, o jovem J. Miguel de Matos ajudava no sustento familiar sendo aprendiz em forjas, na Imprensa Oficial e na Usina Elétrica de Teresina. Atuou ainda como bodegueiro, vendedor de revistas, faxineiro e cobrador de ônibus¹. Em *Pisando Os Meus Caminhos*, o escritor narra seu primeiro contato com as letras, as indisciplinas que marcaram seus anos de estudo, sua admissão no curso ginásial e o abandono do ensino formal em virtude de seu ingresso no Exército. Em uma narrativa em que transita entre sua construção como sujeito injustiçado, alguém que aprendeu por esforço próprio até concluir ser alguém destinado às letras, o escritor, já adulto, constrói por meio da rememoração um relato teleológico sobre os primeiros anos de sua vida no intuito de construir sua identidade como homem letrado.

Considerando as artimanhas presentes nas narrativas memorialísticas (seleção, enquadramento, traumas e ressentimentos) aproveitamo-nos destes discursos no sentido de apresentar as possibilidades sobre o cotidiano e o acesso ao ensino formal no Piauí dos anos 1940, sobretudo para as camadas sociais empobrecidas. O início de sua experiência com os livros é assim apresentado:

[...] Vou trazer agora a este canhenho o instante do meu encontro com as letras pelo abecedário [...] recebo, surpreso, a visita de minha mãe [...] Tem nas mãos

¹ Em 1969, J. Miguel de Matos lança *Pisando Os Meus Caminhos*, relato autobiográfico em que narra acontecimentos de sua infância e juventude. Escrito no contexto de sua primeira derrota visando entrada na Academia Piauiense de Letras, o texto possui tom emotivo e, segundo seu autor, atendia ao mesmo tempo, a pedidos de seus amigos e para servir de motivação, haja vista que “apesar de humilde e pobre, possam haver fatos que sirvam de lição proveitosa aos que, temerosos e aflitos, se vão fazer ao grande mar da vida” (MATOS, 1969, p. 120). Pelo traço de seu autor, a obra nos situa cronologicamente e evidencia o sentido atribuído à sua escrita biográfica: a construção de uma identidade pautada naquilo que Pierre Bourdieu (2000) define como ilusão biográfica.

um livrinho encapado com papel de embrulho: uma carta de abc. Recebi o livro já manuseado por meus irmãos, conforme advertência de minha mãe, e matando ligeira vontade de curiosar, abri-o no meio, caindo meus olhos sobre o abecedário impresso e cor preta, com o qual, dali para diante, iria tecer, como a aranha que urde a sua teia, por vontade de Deus, rindo e chorando, o labirinto em que eu mesmo viria a me embaraçar e cair na sua estranha armadura. [...] nunca mais larguei o meu livrinho, passando ele a ocupar o lugar que vinha pertencendo à baladeira, ao pinhão, ao cavalo-de-pau, à bola de meia e ao papagaio de papel, como se dominado pela ânsia de reconquistar o tempo perdido. [...] Não tive professor primário para as primeiras letras, e se logo as aprendi, agarrado dia e noite à minha cartilha de abc, foi graças ao repentino amor que elas despertaram em mim [...] Se alguém da minha família deu-me alguma lição para o aprendizado das primeiras letras não tenho a mais vaga lembrança, mesmo implorando um pronunciamento da memória. (MATOS, 1969, p. 97-98)

Por meio deste fragmento, J. Miguel de Matos quer evidenciar o impacto que as primeiras letras causaram em sua trajetória. A narrativa esforça-se para apresentar um sujeito encantado com o mundo da leitura, cujo esforço pessoal antecipa uma suposta destinação de transformá-lo em homem de letras. Entremeando os relatos sobre seu ingresso no ensino formal, o autor narra os vários episódios em que foi expulso dos espaços escolares que frequentou atribuindo tais acontecimentos à sua indisciplina e, mais frequentemente, à impaciência e injustiça nos julgamentos de alguns professores. Outras dificuldades de permanência na escola surgem em relatos como este:

[...] Não fui um aluno exemplar, nem nas notas, nem na conduta. Meus graus, no Liceu especialmente, mostram que eu não dava muita atenção aos livros, não por venerá-los, mas por andar mais preocupado em alimentar a barriga do que a cabeça, carregando sobre os ombros jovens a responsabilidade quase total do sustento de minha mãe, atirada por meu pai, sem nenhuma razão de ordem moral, na incerteza e no sofrimento. (MATOS, 1969, p. 158)

O relato de J. Miguel de Matos apresenta dificuldades comuns entre aqueles que equilibravam-se entre o estudo e a necessidade de sobrevivência. Embora muitas vezes a referência às expulsões e à necessidade de ajudar no sustento familiar sejam utilizadas para mostrar as dificuldades que seu autor teve que superar, o entrecruzamento destas informações com os registros oficiais sobre educação no Brasil e no Piauí revelam uma realidade bastante precarizada, haja vista os dados demográficos apontarem em 78% a população analfabeta no estado em 1940. Com o intuito de mostrar sua capacidade de

superação, o relato percorre acontecimentos vivenciados pelo narrador em escolas públicas e particulares que frequentou até ingressar no Liceu Piauiense².

A entrada na renomada instituição após “aprovação quase distinta nos exames de admissão do Liceu Piauiense [...] aprovação que tanta alegria causou ao seu velho e cansado coração” (MATOS, 1969, p. 148) é motivo de orgulho para seu autor que exalta o convívio com os mestres, muitos deles figuras reconhecidas no meio literário local. Representando a última etapa de sua vida escolar, o autor afirma que “esta minha caminhada, com início no Barão de Gurguéia e término no Liceu Piauiense, foi longa e cansativa, chegando ao primeiro ano do ginásio, aos dezessete anos de idade, já supliciado pela luta terrível do ganha-pão” (MATOS, 1969, p. 70).

Seguindo a narrativa de J. Miguel de Matos registra-se que “depois de frequentar, por um ano apenas, o Liceu Piauiense, ingressei no Exército Brasileiro como voluntário [...] vestindo farda vinte e seis anos” (MATOS, 1969, p. 158). A entrada no serviço militar promove novas oportunidades ao jovem J. Miguel de Matos. Se considerarmos que, à época, o Exército representava oportunidade de sobrevivência financeira, sobretudo aos empobrecidos da cidade e do campo, e que no interior da caserna se promovia uma formação continuada sobre temas e técnicas específicas, acreditamos que o seu ingresso como voluntário, embora o tenha retirado do ensino formal, o inseriu em contexto com outras vantagens pessoais.

Pari passu ao seu ingresso no Exército, o Brasil insere-se no estado de beligerância ao Eixo acrescentando outros sentidos à vida militar, tais como a noção de soldado-cidadão. Em obediência a decreto presidencial o Piauí colabora com a montagem da Força Expedicionária Brasileira enviando homens para o front europeu ou para bases militares espalhadas pelo território nacional. Em 1943 J. Miguel de Matos é transferido para Fortaleza (CE), retornando definitivamente ao Piauí apenas em fins dos anos 1960. Clarice Santiago Lira (2017) ao discorrer sobre o contexto de mobilização e as

² Sua passagem no Liceu Piauiense ficou registrada em fontes como o Diário Oficial do Estado, principal órgão jornalístico do Piauí. Na edição de 23 de janeiro de 1940, apresentam-se os resultados do ano letivo de 1939. Entre alunos aprovados, prejudicados e dependentes, o nome de José Miguel de Matos está listado entre aqueles que cursaram a primeira série, sendo o único aluno de sua turma a ficar “dependente em duas matérias”, a saber: matemática e ciências. Nos registros dos anos seguintes, não mais se localizou seu nome.

experiências dos soldados piauienses que compuseram os esforços de guerra, aponta as oportunidades e as dificuldades por eles vivenciadas. Entre as possibilidades, a autora apresenta os diferentes investimentos no tocante à formação dos soldados, fossem eles não-alfabetizados ou portadores de curso superior. No que diz respeito àqueles que não haviam concluído a etapa escolar, Lira afirma:

[...] Em relação à instrução, os que ingressavam no Quartel, com menor escolaridade ou não escolarizados, grande maioria, deveriam frequentar a Escola Regimental, que era anexada ao Batalhão, e que fornecia cursos tanto aos soldados alfabetizados quanto aos analfabetos. Todos os soldados recebiam formação geral de instrução física (ginástica, combate e baioneta), educação moral e instrução geral, ordem unida, maneabilidade, armamento e material, tiro, organização do terreno e combate e serviço em campanha. Ainda dentro dessa formação, os soldados poderiam se encaminhar para determinados grupamentos, também através de cursos, sendo-lhe exigidas especialidades, tais como: Telemetrista, Transmissões, Telefonistas, Saúde, Veterinária, Condutores, Sapadores, Observação e Artífices. (2017, p. 120-121)

O ingresso no Exército permitiu a José Miguel de Matos uma formação escolar direcionada à sua prática militar. Ainda em Fortaleza, este escritor deu continuidade à sua formação como homem de letras, investindo no autodidatismo. Criou ao redor de si uma rede de sociabilidade literária ao colaborar com a imprensa local, credenciar-se a agremiações literárias, auxiliar na criação do Clube General Sampaio (entidade que promovia atividades sociais e culturais para os militares de baixa patente) e manter correspondência com jornalistas e escritores que movimentavam a cena cultural do Piauí. Em 1953 lançou *Brás de Santinha*, sua obra de estreia no mundo literário.

A partir de 1961 os cronistas teresinenses passam a fazer menção às atividades desenvolvidas por J. Miguel de Matos em Fortaleza, reproduzindo trechos de correspondências por ele enviadas, comentando suas colaborações na imprensa daquela cidade e repercutindo opiniões sobre suas obras³. Entre referências ao seu nome feitas por articulistas variados e publicação de resenhas de suas obras, J. Miguel de Matos vai aos poucos inserindo-se na vida cultural de Teresina, prática que será intensificada com seu

³ Em julho de 1961, o jornal O Dia apresenta o seguinte comentário na coluna de Arimathéa Tito Filho, um de seus principais articulistas: “[...] Devo registrar, com agradecimentos, o recebimento das seguintes publicações [...] 2. De J. Miguel de Matos, a novela ‘Brás da Santinha’, que assinala o ingresso do autor na literatura regional, com boas qualidades de ficcionista. Miguel de Matos promete mais livros, e muito o Piauí espera do seu talento. Ainda, nesta coluna, darei impressões a respeito do livro. Oportunamente.” (O Dia, 13.07.1961, p. 1)

retorno ao Piauí. Entre os comentários à sua obra destacamos o comentário de Arimathéa Tito Filho, professor que, assiduamente, colaborava com os jornais locais:

[...] Expressamos nossa opinião a respeito do livro “Brás da Santinha”, de J. Miguel de Matos. Não temos veleidade de crítico, mas afirmamos que a obra tem conteúdo humano e social. Embora façamos algumas restrições à forma e concebamos que o autor pudesse explorar certas situações psicológicas das personagens, achamos que J. Miguel de Matos possui qualidades de ficcionista neste livro que é o seu cartão de ingresso na literatura regional. É bom que vá adiante, ciente de que a crítica honesta lhe temperará energias para novos cometimentos. A parte conteudística merece aplausos. Um drama simples como a vida. O estilo merece reparos. Nele há preocupações com o vocabulário erudito, desprestigiando expressões singelas. Gostamos da narrativa, muito real, e reafirmamos opinião de que o autor poderá ir longe. (O Dia, 17.08.1961, p. 1 e 3)

Entre elogios e críticas, J. Miguel de Matos consolida-se como literato promissor reconhecido no Ceará e no Piauí. Quando da escrita de *Pisando Os Meus Caminhos*, já soldado reformado e definitivamente estabelecido em Teresina, assim se refere à sua vida na caserna:

[...] No Exército travei uma luta dolorosa e desigual, saindo dela vencido por ter empunhado a Pena em lugar da Espada, tirando desse longo e penoso litígio a conclusão de que Castro Alves não se valeu da lógica mas apenas do arroubo do verbo e da chama do talento, quando proclamou e defendeu esta irmandade impossível: “Não cora o livro d’ombrear c’o sabre, / Nem cora o sabre de chama-lo irmão! (MATOS, 1969, p. 70)

O comentário feito por J. Miguel de Matos evidencia os investimentos feitos por este escritor visando a construção de sua intelectualidade. A linguagem erudita, as metáforas rebuscadas, a constante referência a autores clássicos mostram os esforços deste sujeito em diferenciar-se dos demais soldados e inserir-se no universo de homens letrados. Após a publicação de *Brás de Santinha*, J. Miguel de Matos abandona a escrita ficcional e dedica-se à atividade jornalística (colabora assiduamente no jornal *O Estado* e funda a Revista Mafrense na qual atua como diretor-proprietário) e à confecção de antologias e perfis biográficos. As obras que publica ao longo dos anos 1960 e 1980 são fruto dessa nova modalidade de escrita e é por meio do reconhecimento alcançado através destas que reivindica sua inserção em locais destinados à intelectualidade local como a

Academia Piauiense de Letras (Casa de Lucídio Freitas) e Instituto Histórico e Geográfico do Piauí.

O período em que esteve servindo em Fortaleza assistiu, em Teresina, ao surgimento de um grupo intelectual formado por bacharéis em direito, economistas, funcionários públicos e literatos, em sua maioria egressos das Faculdade de Direito e Filosofia (que ofertava os cursos destinados ao magistério: História, Filosofia, Geografia, Letras Neolatinas e Matemática). Importante espaço de sociabilidade, o ambiente universitário propiciava debates variados caracterizando-se também como ambiente propício à discussão social e circulação cultural.

Os bacharéis formados nestas instituições atuavam em escolas, bancos e em repartições públicas e formavam grupos literários com a finalidade de fomentar o cenário cultural do Estado. Denominados, no contexto da historiografia literária piauiense, de Geração Meridiano, este grupo atuou entre os anos 1940 e 1950 desenvolvendo atividades como a criação de clubes literários (*Arcádia Teresinense* e *Clube dos Novos*), jornais (*O Autêntico*) e revistas culturais (*Zodiaco* e *Caderno de Letras Meridiano*). Nestes círculos os escritores dialogavam sobre temas de sua época e produziam textos com o objetivo de interferir nas realidades social e cultural do Estado. O Movimento de Renovação Cultural, forjado no interior do Centro de Estudos Piauienses, fundou editora própria e promoveu saraus literários, palestras e lançamentos de obras, hoje consideradas fundantes, no que diz respeito à literatura, história, economia e política do Piauí. Mesmo afastado geograficamente das práticas desse grupo, J. Miguel de Matos identifica-se em suas obras como membro do Movimento de Renovação Cultural, muito embora aqueles que dominam as narrativas em torno das atividades dessa geração não reconheçam seu pertencimento.

Na definição do escritor Thomas Sowell (2009), intelectuais são aqueles indivíduos que, dotados ou não de formação erudita, interferem nos debates de seu tempo como produtores ou mediadores de ideias e práticas. Por possuírem um saber específico e/ou serem capazes de mobilizar seus contemporâneos (governantes, opinião pública) em torno de temas pungentes como os caminhos para o desenvolvimento político e social do Estado bem como estimular novas práticas culturais e escriturísticas, consideramos que,

no Piauí dos anos 1940 e 1950, os membros da Geração Meridiano representam um modelo possível de intelectualidade. Tomando como premissa a formação escolar superior, aos intelectuais brasileiros historicamente, foram destinadas algumas posições sociais e profissionais, conquistadas, entretanto não apenas pela posse do título de bacharel, mas pela influência de fatores como posição familiar e heranças política e econômica. O ambiente intelectual piauiense coaduna com o contexto nacional analisado por Sérgio Miceli (2001) que aponta a atuação em instituições culturais, organizações políticas, empreendimentos liberais, a exemplo da indústria editorial, e o serviço público como os principais destinos profissionais destes indivíduos.

Pierre Bourdieu ao discutir questões pertinentes à formação dos campos em que estruturam-se a produção e o consumo de bens simbólicos afirma que os campos intelectual e cultural caracterizam-se por serem delimitados, segmentados, interdependentes e pautado em convenções estabelecidas entre seus membros o que possibilita a construção de hierarquias e também disputas por prestígio e reconhecimento. Os investimentos pessoais e as tentativas de construção de uma imagem intelectualizada para as práticas da Geração Meridiano apontam que entre os indivíduos que compunham esta geração, o sentimento de pertencimento, capaz de legitimar as práticas de seus membros, forja a emergência de um campo intelectual circunscrito que

[...] tende a produzir ele mesmo suas normas de produção e os critérios de avaliação de seus produtos, e obedece à lei fundamental da concorrência pelo reconhecimento propriamente cultural concedido pelo grupo de pares que são, ao mesmo tempo, clientes privilegiados e concorrentes (BOURDIEU, 2001, p. 105).

Jean-François Sirinelli (2000) ao discutir a noção de geração na historiografia enfatiza o potencial deste conceito seja como objeto da história, seja como instrumento de análise pois seu uso possibilita discussões sobre temas como autonomia, pertencimento e identidade. Sirinelli afirma que embora esse conceito remeta a um tempo de curta duração marcado por acontecimentos facilmente delimitáveis, o pertencimento geracional extrapola a identificação etária. Ainda segundo o autor, a premissa de existência autônoma das gerações deve ser substituída pelo entendimento sobre a plasticidade das

relações humanas. Os alertas enunciados por Sirinelli nos servem de pressuposto metodológico ao analisarmos os variados discursos em torno das práticas intelectuais do Piauí nos anos 1940 e 1980. Se por um lado identificamos a valorização de um modelo de intelectualidade pautado na formação acadêmica e no exercício de funções públicas, por outro lado considera-se que a intelectualidade também pauta-se no conhecimento adquirido em virtude da participação nas questões sensíveis de sua época. Observa-se uma discussão que, a partir das definições do que caracteriza (ou não) um intelectual e dos jogos de poder através dos quais os sujeitos estão autorizados a participar da construção memorialística em torno de algumas práticas, fundamenta as tentativas de construção de uma identidade capaz de construir interpretações coerentes sobre as vivências do grupo.

A construção da identidade (individual ou coletiva) como um instrumento tático é apontado por Stuart Hall (2011) como produto da pós-modernidade, sendo algo dinâmico e situado do tempo-espaço, uma celebração móvel inserida num sistema de representação simbólico por meio do qual forma-se e transforma-se o vivido. Segundo o autor,

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existentes na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2011, p. 38-39)

Sendo o campo intelectual uma instância que autoriza e/ou interdita discursos e práticas, a identificação entre seus membros garante a estes o reconhecimento e a legitimidade de suas produções. Ainda segundo Bourdieu, são as disputas frente às normativas do grupo que possibilitam o posicionamento desses indivíduos promovendo

a distinção ou o anonimato cabendo àqueles que estão fora deste adequar-se às suas normas e práticas a fim de tornar-se apto à participação.

Ao rememorar sua trajetória, enfatizando como esmerou-se em construir uma identidade diferenciada, escapando do analfabetismo por meio de seu esforço pessoal e amor às letras, J. Miguel de Matos constrói uma imagem de si. Ainda que não possua títulos acadêmicos como alguns de seus contemporâneos que são reconhecidos nos meios literários como intelectuais, este escritor aponta que possui saberes distintos que aproximam-no de um modelo de intelectualidade possível. À medida que percebe que suas táticas visando a inserção neste grupo não surtem efeito, sobretudo no que diz respeito à sua aspiração de ingressar na Academia Piauiense de Letras, o autor passa a denunciar os critérios não-literários que, segundo ele, são utilizados pelos acadêmicos no momento das eleições para este sodalício.

As narrativas memorialísticas são os instrumentos através do quais J. Miguel de Matos constrói a maior parte de seus textos e, a partir do sentido que dá a sua trajetória pessoal, reivindica inserção nos espaços sociais aos quais se julga apto. Não se trata de questionar seus discursos como verdadeiros ou não, mas de considerar que neste processo o ato de rememorar não é involuntário ou dotado de verdade inata, mas sim um meio através do qual o autor constrói uma representação sobre si em relação a seus contemporâneos, narrativa em que a memória é capaz de forjar discursos e práticas com uma finalidade político-utilitária, haja vista que

[...] A memória age “tecendo” fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos (tornando alguns mais densos em relação aos outros), mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como “realmente” aconteceram. Atualizando os passados – reencontrando o vivido “ao mesmo tempo no passado e no presente” – a memória recria o real; nesse sentido, é a própria realidade que se forma na (e pela) memória (SEIXAS, 2004, p. 51)

Narrar episódios de sua infância e adolescência e, curiosamente, inserir nessa obra as memórias sobre o contexto da primeira negativa que sofreu para entrada na Academia Piauiense de Letras, evidencia que para J. Miguel de Matos, a memória é um instrumento

tático⁴ por meio do qual edifica sentidos para sua trajetória e aponta que as injustiças e dificuldades que vivenciou no passado o acompanham em sua vida adulta, pautadas agora no não reconhecimento de sua qualidade escriturística. Em *Pisando Os Meus Caminhos*, assim se registra suas impressões sobre este acontecimento:

[...] Pedindo, num doce gesto de sua bondade, para que eu entrasse para a Academia Piauiense de Letras, a escritora Emília Leite Castelo Branco, de nome literário Lili Castelo Branco, jamais imaginou, pela virgindade de sua pureza, estar preparando com a argila de seu amor, uma tempestade e trazendo do fundo do meu passado a doida Ângela, que tanto me encantou com suas alucinações inofensivas. E, mesmo antevendo a trovoada que iria gritar sobre minha cabeça e do corvejar dos abutres que iria aturdir os meus ouvidos, antes que os elementos em fúria começassem a ebulir, levei ao seu velho e sublime coração, ao pagamento da dívida que não cheguei a lhe dever pela negação do crédito, pois a Academia Piauiense de Letras continuou de portas fechadas para o menino amargo da Rua do Molambo, para que os tamancos do homem – pobres tamancos! – não maculassem os seus tapetes, as suas mãos humildes, que venderam cachaça na bodega de Michel Ommati, não desonrassem os punhos de ouro do espadim acadêmico e o seu corpo, entrajando tecido grosseiro, não enodasse os seus fardões dourados. (MATOS, 1969, p. 125).

O fragmento selecionado evidencia algumas das táticas utilizadas por J. Miguel de Matos para mobilizar atenção em torno de suas demandas pessoais. A narrativa aponta alguns elementos que, na opinião de J. Miguel de Matos, injustamente o afastam da Casa de Lucídio Freitas. O relato ao mesmo tempo que reforça sua trajetória diferenciada, insinua críticas aos já acadêmicos que, segundo este autor, prioriza aspectos não-literários, tais como origem familiar e atuação profissional quando da escolha dos novos sócios. Para o autor a sua origem social, sua condição financeira associadas ao fato de não possuir canudo, pergaminho, anel e toga (símbolos da formação bacharelesca) impedem seu acesso a esta instituição.

Esta crítica é constante em seus textos haja vista ser um dos elementos sobre o qual J. Miguel de Matos pauta sua construção identitária. Contudo, o autor também

⁴ Ao forjar a diferenciação entre estratégias e táticas no contexto das experiências históricas, Michel de Certeau entende tática como um movimento de resistência que “segundo critérios próprios, selecionam fragmentos tomados nos vastos conjuntos da produção para, a partir deles compor histórias originais”. Nesse sentido, as táticas são operações que buscam destruir ou inserir-se no jogo de poder estabelecido formulando um novo mecanismo de poder, sendo assim uma “ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio... tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário [...] É astúcia.” (CERTEAU, 1994, p. 98-101)

menciona outros elementos que, segundo seus contemporâneos, contribuíam para desautorizar sua atividade escriturística, um deles é gênero literário por ele praticado. Por mais que a escrita de perfis biográficos e construção de antologias exigisse esforço de pesquisa e contribuísse para a erudição de seu produtor, o estatuto de “literatura menor” caracterizava, à época, a prática biográfica tanto no meio literário quanto entre historiadores. Na tentativa de justificar sua produção e criticar o posicionamento de seu interlocutor, J. Miguel de Matos afirma:

[...] No Piauí – e falo da cátedra – há uma turminha que só aplaude livros rigidamente dentro do seu sabor literário. De um colega da Academia, recebi esta severa recomendação: “Largue esse negócio de biografia... Escreva ficção...”, esquecido ele que eu comecei minha vida de escritor fazendo obra inventiva, através da novela “Brás da Santinha”, que teve duas edições (MATOS, 1980, p. 134)

O fragmento expressa o reconhecimento social em torno de sua prática como biógrafo e deixa entrever uma crítica recíproca entre o escritor e o colega não identificado. O conselho para enveredar em outras modalidades de escrita advém da percepção por seus contemporâneos de que os perfis biográficos por ele produzidos eram excessivamente elogiosos e sem esforço criativo. Indicativo da recepção deste gênero entre seus pares, apontamos trecho do verbete sobre J. Miguel de Matos na obra *Visão Histórica da Literatura Piauiense*. Após fazer sua apresentação biográfica, citar suas obras e as instituições a que pertence, o também acadêmico imortal Herculano Moraes afirma que “como biógrafo, seu maior pecado é não selecionar com rigor seus biografados” (MORAES, 1991, p. 127).

As inúmeras polêmicas (disputas literárias, desavenças pessoais, posicionamentos políticos) em que se viu envolto também podem ser apontados como obstáculo para seu reconhecimento como escritor distinto. Pelo fragmento anteriormente citado percebemos o tom combativo assumido por J. Miguel de Matos, antes e depois de seu ingresso na Academia Piauiense de Letras. A constante necessidade de reafirmar-se como escritor plural promoveu rivalidades e ressentimentos entre escritores, promovendo aproximações e distanciamentos entre indivíduos e grupos. Tomar o ressentimento como fonte de análise implica no compromisso por parte dos pesquisadores de rastrear indícios daquilo

que tenta ser ocultado nos discursos, traçando possibilidades de entendimento sobre silenciamentos e intencionalidades.

Na escrita de J. Miguel de Matos, as rivalidades e ressentimentos, que emergem possivelmente em virtude dos contextos de suas candidaturas frustradas, extrapolam o momento em que foram enunciados repercutindo em suas obras por anos a fio. Estes fazem-se presentes inclusive no momento de sua consagração literária. Após duas derrotas anteriores, em meio ao seu discurso de posse na Academia Piauiense de Letras, enunciado na noite de 18 de dezembro de 1973, encontramos vestígios de embates por ele travados com o imortal Fontes Ibiapina, seu reconhecido desafeto

[...] Não trago para a Academia Piauiense de Letras, Senhores Acadêmicos, como seriam o normal, o canudo, o anel de doutor ou o título nobiliárquico, mas trago aquilo que o senhor Fontes Ibiapina, morador deste areópago, mesmo não tendo no meu nome, bagagem literária que, segundo ele “mais vale que um cabide de títulos precários – canudos, pergaminhos, anéis, togas – de tantos pretensiosos que se envergam em dois ao peso monstruoso e formidável de acúmulo de formaturas diletantes” (MATOS, 1980, p. 66)

Destarte o discurso de posse ser um momento ritualístico envolto em tradições, saudações e elogios recíprocos, o estilo de escrita de J. Miguel de Matos não perde a oportunidade de, mais uma vez reafirmar seu lugar social e denunciar seus adversários. Chamando atenção para sua formação escolar incompleta, reitera a falta de critérios dos acadêmicos que, ao invés de habilitar candidatos que apresentem talento literário e escriturístico preferem, por motivos políticos, recrutar para seus quadros aqueles que possuem formação superior, pertencem a famílias ilustres ou sejam membros destacados do governo.

Se considerarmos as destinações profissionais apontadas por Sérgio Miceli como características da prática intelectual no Brasil (atuação em instituições culturais, organizações políticas, mercado editorial e serviço público) percebemos que, apesar de não possuir formação acadêmica, J. Miguel de Matos exerceu, em diferentes momentos, atividades que o credenciam como indivíduo distinto. Imortal da Academia Piauiense de Letras, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí, sócio-fundador da União Brasileira de Escritores (secção Piauí), associado ao Instituto de Cultura Americana,

filiado politicamente ao MDB, assessor de imprensa, proprietário, diretor e redator da Revista Mafrense, membro do Conselho Estadual de Cultura, diretor do Instituto Histórico e Arqueológico do Piauí são filiações e funções que apontam o grau de reconhecimento social por ele conquistado, fruto de seu esforço pessoal, das redes de sociabilidades que construiu ao redor de si e dos jogos de poder que empreendeu com seus contemporâneos.

Não cabe a nós julgar a qualidade ou relevância de sua obra, considerando os modelos possíveis de intelectualidade do Piauí à época. Acreditamos, contudo que a reiterada necessidade deste escritor em posicionar-se como intelectual (e não apenas não como beletrista, antologista, biógrafo, poeta, jornalista, editor) é fruto da percepção de que o reconhecimento social estava intimamente atrelado à formação acadêmica. Some-se a esta constatação, a preocupação de J. Miguel de Matos de que os discursos empreendidos no sentido de construir uma história da literatura piauiense acabassem sendo monopolizados por indivíduos com quem polemizou e acabasse por promover um silenciamento ou exclusão sobre suas atividades escriturísticas do cânone literário local. Em um universo em que ser reconhecido como intelectual, na multiplicidade de sentidos que este termo engloba, significa assegurar uma distinção social útil para os jogos de poder vivenciados cotidianamente J. Miguel de Matos procurou construir uma imagem de si capaz de assegurar seu lugar no panorama intelectual do Estado. Ao observarmos as formas como está situado no panorama literário local e como sua memória enquanto escritor imortal tem sido desprestigiada em projetos editoriais de instituições como a Academia Piauiense de Letras, percebemos como seus temores acabaram se concretizando.

Referências Bibliográficas

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Org.) Memória e (res) sentimento .Campinas: UNICAMP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão Biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

IBGE. *Tendências Demográficas: uma análise da população com base nos resultados dos censos demográficos 1940 e 2000*. Rio de Janeiro: Coleção Estudos & Pesquisas – Informação Geográfica e Sócioeconômica, nº 20, 2007.

LICEU PIAUIENSE. *Diário oficial*, Teresina, 23 jan. 1940. p. 5.

LIRA, Clarice Helena Santiago. *O Piauí em Tempos de Segunda Guerra: mobilização local e as experiências do contingente piauiense da FEB*. Jundiá, Paco Editorial: 2017

MATOS, José Miguel de. *Garimpagem*. Brasília: Senado Federal, 1980.

MATOS, José Miguel de. *Pisando os Meus Caminhos*. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno Ltda, 1969.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAES, Herculano. *Visão histórica da Literatura piauiense*. Teresina: Academia Piauiense de Letras / Hércules, 1991.

O Dia. Teresina, Coleção dos anos 1953-1983.

REVISTA DA ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS. *Discurso de Posse de J. Miguel de Matos*. Teresina, ano 63, n.2, 1980.

SEIXAS, Jacy Alves. *Percursos de Memória em Terras de História: problemáticas atuais*. In: BRESCIANI, Stella, NAXARA, Márcia (org). *Memória e (res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SOWELL, Thomas. Os Intelectuais e a Sociedade. São Paulo: É Realizações Editora, 2009.